

ITINERÁRIOS DE UM HISTORIADOR: as portas entreabertas

Antonio Paulo Rezende
(Universidade Federal de Pernambuco)

Resumo: Aproveitando-se da trajetória de formação e de afirmação de um fazer historiográfico do próprio autor, este artigo procura extrair apontamentos que possibilitam visualizar algumas das veredas percorridas pela historiografia brasileira nos últimos 30 anos. Em particular, a partir das temáticas trabalhadas, dos autores e interlocutores evocados ao longo dos mais variados trabalhos, dos enfoques e privilegiamentos teórico-metodológicos, vê-se as marcas de construção de uma obra que, não obstante, se desdobra em muitas outras, num fazer que é um permanente refazer, um constante exercício de repensar a prática historiadora.

Palavras-chave: Narrativa; Escrita histórica; Historiografia.

Abstract: Taking advantage of his own formation and affirmation as a historian, the author point some paths have been followed by the Brazilian historiography in the last 30 years. In particular: the themes, the authors with whom dialogue, the approaches, the theoretical and methodological preferences, all of those aspects that allow us to see the construction of a work that nevertheless unfolds in many others, in a permanent redo, a constant exercise to rethink historian practice.

Keywords: Narrative; Historical writing; Historiography.

Introdução

O texto, aqui, apresentado, integrou os requisitos para o concurso de professor titular, 2006, na Universidade Federal de Pernambuco. Faço, aqui, uma síntese com pontos que destaco, como importantes, dentro das perspectivas desta publicação. Mantenho os dados e as experiências da época que escrevi o ensaio. Quem desejar lê-lo, na sua totalidade, o encontrará, no livro *Ruídos do efêmero: histórias de dentro e de fora* (2010). As modificações firmam os objetivos iniciais: privilegiar o ritmo da escrita e dialogar com as múltiplas trajetórias que envolvem a vida do historiador. O tempo é o maestro das aventuras, desde que ressaltamos as sensibilidades que nos compõem. Não há fórmulas definitivas, cada um deve preservar sua autonomia, nunca longe da transgressão e da solidariedade. Optei por não usar citações.

Os silêncios e os ruídos

Conflitos, diálogos, silêncios, ruídos nos seguem, lembrando que a história continua. Nos cenários da vida cruzam-se destinos. Inventamos sentidos que nos livram do caos e dos absurdos. O viver e o narrar estão presentes em qualquer momento. Vivemos a vida para contá-la e a contamos para vivê-la. Não é apenas o historiador que domina a arte de contar. Todos nós contamos nossas vidas, buscando compreender o estar-no-mundo. Presente, passado e futuro se misturam nas tentativas de construir narrativas. Não há um tempo linear, mas um diálogo buliçoso entre os três tempos.

O presente é soberano. A partir dele, entrelaçamos esquecimentos e recordações, sentimos que a vida muda, quando as indagações e as expectativas mudam. Não é um devaneio afirmar que o passado é uma invenção do presente. Os relatos do vivido navegam em mares de assombrações. Terminamos por nos comportar como os marinheiros do início dos tempos modernos, medrosos e ousados. Lidar com o tempo torna-se uma tarefa fundamental, para quem se equilibra, provisoriamente, nos desafios da história.

A memória é tecida com fios delicados. Somos artesãos, seguidores de travessuras desnorteantes, desenhando cartografias singulares. O difícil mesmo é ter clareza no julgamento, ou até vislumbrar a possibilidade do julgamento. A memória fortalece a relação entre as experiências e as sensibilidades construídas, fazendo a ponte com o que representam os outros, para seguirmos adiante com os nossos projetos e as nossas afetividades. A memória dá significado ao que nos cerca, enraíza sentimentos. É um aconchego.

O ofício do historiador assume uma conexão com a vida na criação de trilhas sinuosas. Diante do que foi vivido, resta localizar as aberturas para que a vida não cesse. Quando encarceramos o futuro, fechamos todas as travessias, tiramos o fôlego da vida. Ao narrar a vida buscamos encontros, asseguramos a continuidade dos tempos. Remontamos o mundo quando percebemos que a solidão é um recolhimento, uma garantia da permanência. Cada instante é uma peça de um quebra-cabeça. O ofício do historiador se multiplica no dizer das metáforas vadias.

Coloco-me diante de histórias. Volto a ressaltar que os cenários da vida são construídos entre silêncios e ruídos. Escutá-los, como toques de intensidades diferentes, é uma alternativa. A vida tem ritmos. Cabe nas sinfonias dissonantes, nos tangos nostálgicos, nos cânticos sublimes, nos adágios mais lentos. Não há como restringi-la a fórmulas musicais únicas. O mesmo ocorre com seus relatos. Ora nos lembram Bach, ora Astor Piazzolla, ora a

serenidade clássica, ora o arrebatamento apaixonado. Somos criaturas de Prometeu. Transgredimos para produzir a possibilidade, ordenamos para evitar a perda de sentido. Talvez, sejamos os mesmos seres de sempre. Não podemos esquecer que foi por amor que Prometeu nos ensinou a usar o fogo, transformando o mundo numa inquietude de desejos

Os primeiros tempos

Nasci no Recife, em 1952. Sou o primeiro de uma geração da minha família materna: o filho mais velho, o neto mais velho, o bisneto mais velho. Para estes reserva-se um destino: a responsabilidade de manter as tradições das gerações anteriores. Sucumbir ao destino desejado pela hierarquia familiar significa anular-se, perder de vista a possibilidade, fazer da vida uma reprodução cansativa. Minha formação foi construída num diálogo constante entre um passado enaltecido e a busca de alternativas que afirmassem outros valores. Vivi a dualidade do tradicional e do moderno, do rural e do urbano. Caminhava procurando localizar-me para evitar as ambiguidades profundas.

Morava no Recife, filho de pais de classe média, mas passava as férias em Timbaúba, cidade da Mata Norte de Pernambuco, onde imperava o domínio da cana-de-açúcar, junto com meus avôs maternos e parte da família que se dedicava à mesma atividade econômica há muito tempo. Minha paisagem eram os canaviais. Desfrutava do cotidiano de uma cidade onde todo mundo se conhecia. Era o contraponto à vida que tinha no Recife. Foi um tempo onde, mergulhado nas diferenças, fazia escolhas, algumas inexplicáveis diante das muitas facilidades que se apresentavam e que recusava aceitar. São recordações fundamentais para a vida afetiva.

No Recife, vivenciava os limites, sem os poderes da tradição. Durante vinte anos foi esse o ritmo. No Recife, os estudos, as descobertas intelectuais, o asfalto, a agitação urbana; em Timbaúba, as férias, a natureza, as amizades próximas, o andar solto pela cidade. Ia definindo-me. A questão não era trocar uma coisa pela outra, mas pensar a possibilidade de vivê-las nos seus encontros estimulantes. Foi uma aprendizagem inesquecível. Arquitetei rupturas, todavia não me excluí dos laços afetivos. Firmei princípios. Por fim, resolvi ser professor, para a surpresa e decepção de muita gente.

Uma pessoa foi fundamental para minha definição pela vida intelectual: o professor Jorge Cahú, vizinho da Rua Miranda Cúrio. Havia se aposentado, devido a um problema que

tivera nos olhos – ficara cego. Era um professor renomado, polêmico, crítico. Tinha uma memória fabulosa. Desfazia mitos, reclamava dos desmantelos políticos existentes no Brasil. Seus ensinamentos faziam-me ver coisas que estavam fora da convivência familiar. Como gostava muito de ler, o professor me encantava. Ele comentava que minha vocação estava determinada. Previa que seria envolvido pela busca dos saberes.

Dr. Jorge Cahú – era como todos os chamavam, pois fizera bacharelado em Direito – morreu quando estava terminando meu mestrado na Universidade de Campinas. Não pude me despedir dele, que pouco antes me havia presenteado com um livro de Marcuse. Recebi a notícia abalado. Escrevo tudo isso tomado por uma forte emoção que me aponta para os momentos de fundação da vida. Dediquei a ele minha dissertação. Nunca separei meus devaneios intelectuais das construções afetivas, talvez motivado por essa convivência marcante, numa fase onde o diálogo com o mundo é mais direto e os exemplos se constituem a base da memória.

Tive uma formação que passou pela escola pública. Depois, vivi uma experiência de grande valia. Uma professora, amiga da família, montou uma escola na sua casa, com poucos alunos de séries diferentes. Nela, aprendi muito. Foi um alicerce, atizou o interesse pelo estudo e pela leitura. Os cinco anos que passei no Colégio São Luís, da ordem Marista, foram também fundamentais. Sedimentaram saberes e princípios de vida. Existiam, ainda, dúvidas sobre qual seria minha profissão. Pensei em ser engenheiro, mas meus fracassos em matemática e apego pela literatura me levaram para outras escolhas. A carreira diplomática exerceu certo fascínio, sem fincar raízes.

Quando comecei o curso médio parecia fadado a estudar Direito. Era uma escolha que não apaixonava. Gostava mesmo era de literatura, filosofia e história. Os professores eram excelentes. Estudava no curso Torres, conhecido pelas pessoas qualificadas que havia formado na área de humanas, sobretudo bacharéis em Direito. Não me via nas entranhas dos tribunais das astúcias jurídicas. Não me pensava também como professor. Acaso e necessidade tramavam seus golpes, sempre parceiros das nossas andanças, embora pareçam tão incompatíveis. Entrei na Universidade Federal de Pernambuco, seguindo o rumo esperado pela família, sem coragem de transgredir.

Na Faculdade de Direito, não conseguia motivação para aprofundar minhas questões. Ficava perplexo com a arrogância de alguns professores, acostumado com os do Curso Torres, com destaque para Walteir Silva, Manuel Torres e Humberto Vasconcelos. Compensava esses infortúnios com dedicação à leitura. Minha paixão era a literatura latino-

americana. Estava seduzido por García Márquez, Vargas Llosa, Jorge Luis Borges, Pablo Neruda, Julio Cortázar, Manuel Scorza. Viajava em obras decisivas para minha formação literária. Nessa fase, mergulhei também nos textos de Guimarães Rosa, José J. Veiga, nos poemas de Drummond, Vinícius, Jorge de Lima, Cassiano Ricardo, numa coleção com a publicação de autores que ganharam o Nobel de literatura. Afastava-me dos saberes jurídicos.

Estava um pouco aflito. Inscrevi-me num concurso, não me lembro para quê, mas terminei confundindo os prazos. Perdi a oportunidade de lutar pelo primeiro emprego, pois naquele tempo era preciso começar a trabalhar cedo. Apareceu então outro caminho que iria se tornar definitivo. Fui convidado por minha ex-professora de história, Nadir, para substituí-la em algumas aulas. Era um desafio. Cada sala de aula comportava cerca de 150 estudantes. Faltava-me experiência para enfrentar um público tão heterogêneo. Além disso, não tinha formação acadêmica em história, era autodidata. Era um teste, podia aproveitar para decidir minha profissão. As primeiras quatro aulas foram um desastre. Explicava, em trinta minutos, assuntos com conteúdos extensos. Os alunos nada entendiam. Percebiam minha ansiedade. Nas quatro últimas, equilibrei o ritmo e os alunos acompanharam as exposições com atenção. Como incentivo, aplaudiram-me. Terminei não sendo contratado, por motivos que, até hoje, não ficaram claros. Fui trabalhar, depois, no Colégio Torres e no Colégio São Luís. Havia sido aluno nessas duas escolas.

A experiência na UNICAMP

Depois de quatro anos de magistério no ensino médio, resolvi definir mais a vida profissional. No ano de 1976 fui a São Paulo para fazer a seleção para o curso de mestrado em História da UNICAMP. Não estava ligado a nenhuma instituição de ensino superior, mas contava com a ajuda da família, já convencida de que meu título de bacharel em Direito era um ornamento. Foi uma seleção concorrida. Não tinha formação de historiador, nunca havia escrito um projeto de pesquisa, contudo decidi que estudaria o movimento operário em Pernambuco, nas três primeiras décadas republicanas, sem saber se, existiam fontes para construir a dissertação. Li bastante sobre o tema, enfrentei as provas com muito ânimo e, sobretudo, na entrevista tive um desempenho marcado pela sinceridade e clareza na justificativa da escolha para pesquisa. Terminei sendo aprovado, juntamente com outro pernambucano, amigo de muitas travessias, Antonio Montenegro. Mudei-me para Campinas. Deixei a sala de

aula, fui para outro *vasto mundo*, sem esquecer, como o poeta, que *mais vasto era meu coração*. Meu *anjo torto* tinha razão. Nada como *ser gauche na vida*, não se intimidar com o inesperado.

Meu mestrado foi composto de descobertas, um ritual de passagem intelectual surpreendente, para quem estava adormecido nos encantos do ensino médio. Percorria o desconhecido: as cidades, as pessoas, os textos, os professores, as expectativas. Anos intensamente vividos: casamento, nascimento de duas lindas filhas, a batalha para decifrar novos códigos intelectuais e viver em São Paulo, cidade para a qual me mudei em 1978, administrando a saudade e os poucos recursos financeiros. Uma revolução, muitos encontros e muitas despedidas. Sobrevivi. A UNICAMP era uma universidade privilegiada e de resistência política aos desmandos do autoritarismo dominante. Não conhecia o cotidiano da vida universitária, pois minha empatia com o curso de Direito tinha sido pequena. Portanto, as discussões intelectuais eram acompanhadas de experiências afetivas que traziam outras compreensões do mundo.

Havia uma reflexão que ataçava todos: a formação da sociedade no Brasil e as suas singularidades. Era uma polêmica, presente nas diversas áreas das ciências humanas. Os temas políticos e econômicos eram os dominantes. Estávamos longe de pensar o cotidiano, e também de valorizar a importância dos depoimentos orais. O marxismo vivia momento crítico, embora houvesse uma atenção especial para a leitura das obras de Marx. Como já disse, optei por fazer uma dissertação de mestrado sobre o movimento operário em Pernambuco nos primórdios da República. Era tema instigante. Não existia trabalho acadêmico sobre ele. Nos anos 1970 e 80 houve um marcante interesse pela história do movimento operário no Brasil. A UNICAMP se destacava, por lá existir um acervo expressivo e uma linha de pesquisa dedicada ao tema.

Os intelectuais continuavam perplexos com a permanência do governo autoritário desde 1964. Questionava-se por que os caminhos políticos escolhidos levaram à montagem de um violento sistema de controle social. Muitas lideranças foram perseguidas, presas, torturadas, mortas pelo aparelho repressivo, não sem resistência, representando perdas traumatizantes. A perspectiva de uma revolução socialista fracassara. Os militares, com a ajuda significativa da população civil, tomaram conta do Estado, evitando, segundo eles, a anarquia e o caos social. Consagrara-se um discurso nacionalista-desenvolvimentista, apoiado numa sofisticada estrutura de propaganda. As previsões otimistas dos defensores do socialismo não aconteceram. A sociedade se modernizara com a entrada de tecnologias

consideradas de ponta e muito capital estrangeiro, porém as lideranças políticas mais combativas foram silenciadas. Os laços diplomáticos, com os Estados Unidos, tornavam-se mais estreitos, e a clandestinidade passara a ser um espaço de luta para muitos grupos políticos de esquerda.

Nas universidades, os cursos de pós-graduação procuravam respostas para o fracasso das utopias democráticas. Estudos buscavam novas elaborações teóricas. Eram significativos, pois revelavam momentos da luta política, da atuação de figuras do sindicalismo brasileiro, da montagem do estado populista e das especificidades da industrialização no Brasil. Havia interesse em pesquisar sobre os inícios do movimento operário, desfazendo uma verdade dominante: na Primeira República apenas merecia pesquisa o coronelismo e suas manipulações, diante de uma sociedade silenciada e desorganizada politicamente. Os ruídos da oposição localizavam-se nas ações do tenentismo na década de 1920. Uma antes intocada documentação foi lida e os registros ganharam espaços nas análises de uma historiografia que se renovava. Nas primeiras décadas do século XX, não houve apenas cenários autoritários ou povoados pelas articulações políticas exclusivas dos coronéis. Organizações operárias lutaram contra a falta de leis sociais. Nas capitais mais populosas, com mais atividades econômicas e pequenas manufaturas, anarquistas, socialistas, comunistas criaram espaços de resistência. O descuido com a questão social não era absoluto, mas bastante visível, lembrando os tempos obscuros da escravidão, e havia uma imprensa operária que denunciava a exploração, propondo alternativas.

A minha pesquisa tinha um aspecto estruturante, sem o qual não vingaria: localizar a documentação sobre o tema. E o ponto de partida foi o acervo do Arquivo Público do Estado de Pernambuco. Lá consegui encontrar jornais operários inexplorados pela historiografia, já em estado de deterioração. Acredito que, hoje, já se esfarelaram. Eles foram preciosos. Jornais como *A Aurora Social* tiveram oito anos de circulação, divulgando idéias socialistas. Reconstitui a história do movimento operário pernambucano desde 1900 até 1922, com lacunas, mas nada que criasse um vazio incontornável. Foi um trabalho de detetive, que se estendeu aos acervos da Biblioteca Nacional, da Biblioteca do Estado de Pernambuco, com uma leitura da bibliografia existente, sem deixar de lado as análises teóricas e as polêmicas sobre os limites da interpretação marxista. Leituras dos clássicos marxistas e anarquistas, dos chamados heterodoxos, um aprofundamento apaixonado nos escritos fecundos de Antonio Gramsci e dos seus intérpretes, de historiadores brasileiros como Boris Fausto, Edgar de Decca, Maria de Lourdes Janotti, Ângela Gomes, além de uma atenta escuta aos debates em

sala de aula, revelando as opções políticas de cada um e os seus ressentimentos. Tempo de uma aprendizagem sedutora na minha formação de historiador, acompanhada de tantas aventuras num mundo que não me neguei a conhecer. O conhecimento intelectual não bastava, para quem não esquecia o apego com a educação e com as construções afetivas da vida, constituintes de olhar permanente para os que moram nos nossos corações.

Tive bons mestres que me ajudaram na decifração dos códigos da vida intelectual: Déa Fenelon, Ítalo Tronca, Edgard de Decca, Stela Bresciani, Michael Hall foram os mais próximos. Naquela época, as hierarquias não eram muito rígidas. Nas aulas e nas conversas fui firmando propósitos, fazendo as conexões teóricas, formulando problemáticas. Meu objetivo central era analisar historicamente o movimento operário em Pernambuco, no período 1900-1922, destacando a cooptação e a resistência, suas relações com a classe dominante e suas propostas de ação e reivindicação políticas. Foram cinco anos de trabalho acadêmico. Era aluno da segunda turma de mestrado em História da Universidade de Campinas. Naquela época não havia muita pressão sobre os prazos – fui o primeiro da turma a defender a dissertação –, mas tinha pressa, pois precisava voltar para o Recife e organizar a vida familiar. Na minha banca, estavam os professores Ítalo Tronca, meu orientador, Edgard de Decca, na sua primeira participação em rituais acadêmicos de defesa, e o saudoso Maurício Tratemberg, com seu vasto e singular conhecimento. Quando a defendi, em 1981, Maria, minha filha mais velha, já tinha mais de dois anos, Marina havia acabado de nascer e Roseana, minha companheira, cursava Geografia na USP. Estava sobrevivendo em São Paulo, com o salário que recebia de uma escola de ensino médio e a boa vontade da minha família.

Na dissertação visualizei a luta política em Pernambuco, incorporando outro sujeito, a classe trabalhadora, ausente da historiografia. Usei uma documentação praticamente desconhecida, aprendi a conviver com o inesperado. Fiz a narrativa das grandes greves operárias de 1917 e 1919, quando o Recife ficou paralisado, da atuação de um intelectual militante e professor da faculdade de Direito, Joaquim Pimenta, das articulações dos sindicalistas com o poder público e dos seus momentos de radicalização. Quebravam-se os mitos da subordinação, da sujeição e apatia da população diante da dominação das elites, da existência de manifestações operárias apenas na região Sudeste. Essa memória de lutas amplia a complexidade da história, enfraquece verdades consagradas e testemunha o significado da pesquisa para releitura do passado. O cenário, das primeiras décadas republicanas em Pernambuco, incorporava novas cores, os contrapontos da dissonância desafiavam a

monotonia das narrativas propagadoras do poder inabalável das elites açucareiras. Voltava ao Recife sabendo que sua história não era aquela que pensara ser durante tantos anos. Sentia-me motivado para travessias mais longas. Uma parte da minha dissertação foi publicada na *Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro*, pela Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, em 1982, no número que fazia homenagem a Cristiano Cordeiro, um dos fundadores do PCB.

O primeiro retorno

Voltava, com a promessa de emprego na Universidade Federal de Pernambuco. Seria professor visitante do Departamento de História. As energias, entretanto, não fluíram como pensava, as dificuldades foram-se sucedendo de forma confusa, obscurecendo o encantamento com as possibilidades profissionais. Estava ansioso para entrar no magistério superior. O tempo se redefinia. Com duas filhas e uma companheira, Roseana, para dividir a vida, não podia esperar que as coisas caíssem do céu. Queria aprofundar os estudos e socializá-los. A universidade era um lugar atraente para construir minha trajetória profissional. O Brasil vivia um rico período de lutas políticas, tentando abrir estradas para a democracia e quebrar a monotonia autoritária dos governos militares. Participei de muitas manifestações em São Paulo a favor da democracia, nos embalos dos versos de Vandrê: *quem sabe faz a hora, não espera acontecer*.

Na época, não ficou claro, para mim, por que tanta demora e tantos obstáculos para ser admitido na UFPE. Trabalhei um ano sem que minha contratação saísse. Dei aulas na graduação (Teoria da História) e na pós-graduação. Mesmo com as instabilidades, tendo que continuar dando aulas no ensino médio, consegui um espaço na vida acadêmica. Terminei sendo professor homenageado pelos concluintes da graduação e participei nas atividades acadêmicas de orientação e na composição de bancas. Aprimorei os estudos na história política das primeiras décadas do século XX, assunto de cursos que ministrei na universidade antes de entrar no doutorado. Assim fui construindo a trilha da minha pesquisa, escrevendo artigos, sendo bolsista do CNPq e me firmando no campo da Teoria da História. Não deixava de participar de outra atividade: a organização dos movimentos grevistas que reclamavam dos descasos dos governos com a universidade e da falta de liberdade política no país. Um aprendizado que se estendeu até os tempos atuais. Fazíamos passeatas, no centro da cidade, com chuva de papéis picados, aplausos, um deslumbramento com um novo tempo que poderia estar surgindo. As greves eram longas, não faltava motivação. Fiz muitos amigos, pois

circulavam nas assembléias e manifestações de rua professores de várias áreas. Era a prática da interdisciplinaridade na ação política.

Meu segundo ano na UFPE, 1983, trouxe-me estabilidade. Fui contratado como professor visitante do Departamento de Ciências Sociais, por um período de dois anos. Continuei trabalhando na pós de História, mas tive que dar aulas na graduação de Ciências Sociais. Estudei Teoria Sociológica e Ciência Política, para as solicitações do departamento. Cultivei a interdisciplinaridade, fundamental para as minhas pesquisas e reflexões teóricas. Fui convidado também para fazer parte do Colegiado da Pós-Graduação em Serviço Social, orientando e ministrando uma disciplina sobre relações sociais de poder. Portanto, apesar dos desencontros burocráticos, lá estava eu realizando-me como docente. Sabia que meu contrato era provisório e havia impedimentos para renová-lo. Não surgia oportunidade para fazer concurso, mas houve mobilização de colegas para que continuasse no departamento. Infelizmente, não se concretizara o retorno esperado e, mais uma vez, parecia que a possibilidade de desemprego me ameaçava.

Fui salvo pela pressão dos alunos, ou melhor, das alunas de Serviço Social. Um abaixo-assinado, por elas organizado, destacava minha trajetória de professor dedicado e responsável. Sugeria a prorrogação do meu contrato. A pressão funcionou, junto com a de alguns professores. Meu contrato renovou-se, depois de uma conversa que mantive com o reitor da época, George Browne. Logo depois, tornei-me bolsista do CNPq, podendo então me transferir para História, renunciando ao cargo de professor visitante, na espera de um concurso que me efetivasse de vez. A bolsa leva-me para minha área de conhecimento, facilitando a preparação para as aventuras acadêmicas mais sólidas. Preparei cursos sobre a revolução burguesa no Brasil e as interpretações sobre o movimento político de 1930. Ao mesmo tempo, procurava outras leituras, referenciais teóricos diferentes. Busquei autores, entre eles Castoriadis e Guattari, que redefiniam deslocamentos de interesses.

Castoriadis começava a ser traduzido no Brasil. Impressionavam-me suas críticas demolidoras, sobretudo ao tão celebrado marxismo. Suas elaborações teóricas eram difíceis, exigiam persistência na reflexão e quebra dos paradigmas conquistados. O livro *A instituição imaginária da sociedade* passou a ser leitura quase cotidiana. Muitas dúvidas, mas paciência para administrá-las. Precisava de algo que alterasse minha forma de pensar e reencantasse minha trajetória. Estava querendo fugir das discussões centradas na política e me animava o debate que se instalava sobre a modernidade e o modernismo, além dos trabalhos historiográficos sobre a cidade. Tudo era ainda muito incipiente, porém Castoriadis com a sua

proposta ousada de rever as bases do pensamento ocidental me desacomodava. A história não se resumia aos mecanismos econômicos do modo de produção. Desde 1920, a Escola dos Annales já sugeria alternativas de pesquisa, que demandavam outras dimensões teóricas. Mudando o presente, mudavam também as questões sobre o passado, embora o presente estivesse entrelaçado com as lembranças do passado.

Guattari marcava-me pela leitura que fazia da dominação capitalista, do fascismo cotidiano. Seu inconformismo com a manipulação existente fertilizava espaços para pensar o desejo e da afetividade na sociedade. Era um alerta, pois suas ideias denunciavam a dificuldade de se romper com o circuito de poder, montado numa cartografia labiríntica. Diante dessas leituras teóricas, fui construindo meu projeto visando o doutorado. Nunca deixei de ler, nesse período, os anarquistas e os escritos de Rosa Luxemburgo. O marxismo tinha uma presença indiscutível na minha formação. Tomava, porém, outros rumos, aproximando-me da filosofia, da psicanálise e, mais ainda, da literatura. Afastava-me do território da história política, sem nunca desprezar as discussões sobre as relações de poder. Na minha vida pessoal, modificações aconteceram com turbulências afetivas inesquecíveis. Havia sido pai pela terceira vez, nasceu Gabriel, aumentando minha família. Logo depois, ainda em 1985, vivi uma separação matrimonial, acompanhada de uma paixão. Era preciso fôlego para tantos mergulhos nos oceanos da vida: desencontros, encantos, indefinições. Ser pai era um incomensurável prazer, os filhos são cristais, amores definitivos.

Finalmente, em 1986, apareceu a oportunidade de fazer concurso para assistente, na área de Teoria da História. Trabalhava também, nessa época, como assessor na Secretaria de Educação da Prefeitura da Cidade do Recife. Uma experiência direta com o poder público que tanto queria conhecer. Foi um aprendizado inesquecível. Havia muito entusiasmo político, com a queda dos governos militares. As utopias continuavam vivas. As práticas democráticas se alargavam. Tudo isso era resultado de ativa mobilização social. Ajudava nas reflexões sobre as propostas pedagógicas mais gerais, depois fui para a área de história, trabalhar com a formação dos professores, no início resistentes a qualquer forma de intervenção. Era trabalho que exigia persistência.

Minha inserção no serviço público deu um ritmo importante a minhas escolhas éticas. Penso a construção do conhecimento relacionada com sua socialização. Isso motiva a minha pedagogia. Acostumei-me com o ensino público e a ele dedico-me com entusiasmo. Faltam investimentos e projetos políticos para torná-lo mais eficiente. É fundamental não esquecer que na medida em que os movimentos de solidariedade se esvaziam, esvazia-se a idéia da

história enquanto construção da possibilidade. Como pensar uma sociedade sem privilegiar a discussão de um projeto coletivo?

Mantendo a esperança, mergulhei no concurso com a força que me pedia o momento. Os concursos avivam as competições, fantasmas, medos, intrigas. Ninguém escapa das especulações, pois o concurso é público. Criam-se os regulamentos, organiza-se a banca, estabelece-se o programa temático. A ansiedade toma conta de quem está no meio do caminho, aguardando o desfecho final. Para mim, era decisivo. Fazia tempo que buscava uma estabilidade, para garantir meu projeto profissional. Como sempre, três etapas: o julgamento do *curriculum*, uma prova escrita e uma aula. Lembro-me dos temas: a historiografia renascentista e a Escola dos Annales. Fiz uma boa prova escrita. Na aula consegui organizar-me didaticamente. Dois examinadores me contemplaram com notas excelentes, que me deixavam numa situação confortável, mas outro me deu seis na aula, o que foi decisivo para a minha pontuação, pois tinha desvantagens com relação ao *curriculum* do outro concorrente, o professor Michel Zaidan. No dia do resultado – naquela época havia a contagem dos pontos feita em público – estava tenso. Sabia que a decisão encontrava-se nos detalhes. Tinha razão: Michel ficou com 9,10 e eu, com 9,08. O seis fora a pedra no meio do caminho. A diferença era mínima. Havia apenas uma vaga. Meu desempenho tinha conseguido mobilizar a pessoas e houve uma solidariedade que me comoveu.

Foram momentos difíceis. Uma comissão de alunos e de professores foi até a reitoria para solicitar outra vaga. O concurso repercutiu pela qualidade dos candidatos. No fundo, gostaríamos de ver todos no mesmo ninho. Portanto, ficamos na espera da solução, sabendo das dificuldades burocráticas, mas havia um clima de boa vontade e interesse de ampliar o número de vagas. Continuei dando minhas aulas, ainda sob a tutela da bolsa do CNPq. A ajuda dos amigos foi o grande conforto. As luzes foram se acendendo, os impedimentos superados e finalmente assinei meu contrato com a UFPE, em agosto de 1986, como professor assistente, com 40 horas, sem dedicação exclusiva, lotado no Departamento de História. Minha bolsa do CNPq foi modificada, para a categoria de pesquisador. No ano de 1986, os ruídos e os silêncios foram muitos. Restava vivê-los com cuidado, atento para não deixar que o afeto fosse substituído pela sede de observar em tudo a profissionalização.

Estabilizado na universidade, mantive minhas atividades na prefeitura. Era um campo amplo de contato com o ensino. Apareceu a oportunidade de produzir meu primeiro livro didático, destinado aos alunos do ensino fundamental. Foi um trabalho difícil, com idas e vindas. Intitulei o livro de *Todos contam sua história*. Procurei colocar nos textos uma

concepção teórica que quebrasse a linearidade. Estava numa fase de mudanças e não devia reproduzir o já consagrado. Dei relevância ao cotidiano, ao tempo múltiplo e possibilidade de cada um contar a sua história, valorizando a imaginação das crianças. Tive a parceria de Laílson Holanda, autor, com maestria, dos desenhos que acompanhavam os textos. O livro causou muito polêmica, quase não se conseguiu financiamento do Ministério da Educação, mas a persistência da secretária de educação, Edla Soares, prevaleceu. Foi distribuído na rede municipal. Desde o início, havia pensado em escrever algo onde afirmasse minha experiência de sala de aula. É até hoje o trabalho que mais me satisfaz, e acho que não fiz outro com tanta energia e criatividade.

Antes do livro da prefeitura, havia trabalhado, em 1985, nos originais de outro, intitulado *História do movimento operário no Brasil*, feito para a editora Ática, na coleção Princípios. Seu lançamento se deu no segundo semestre de 1986, numa livraria que era um templo da cultura – Livro Sete. A base do livro era minha dissertação de mestrado, acrescida de uma ampla pesquisa bibliográfica. Era um trabalho de síntese. Escolhi uma epígrafe de Paul Veyne, descrevendo a complexidade do fazer histórico. Nela, desenhava-se uma ideia marcante a história como construção de um labirinto. A minha narrativa se estendia de 1892 a 1968, atenta aos primórdios das organizações operárias, às lutas contra as arbitrariedades dos governos republicanos, nas primeiras décadas do século XX. As manifestações foram significativas, não houve a passividade de que tanto se falou por muito tempo. Havia preocupação do governo com as organizações operárias e greves aconteceram, paralisando serviços e atividades fabris. Socialistas, anarquistas, comunistas buscavam construir contrapontos políticos, porém sobreviviam tendências, consideradas reformistas, que faziam alianças com o governo. As lutas operárias nos retratam outra dimensão da história política brasileira. Ela nunca foi feita de silêncios, embora se procurasse fabricá-los, para esvaziar o conteúdo da resistência e das redes de contrapoder. Os trabalhadores se articulavam, realizavam congressos nacionais, editavam jornais, construíam teorias.

Na sequência, dediquei-me à análise dos anos em que a tutela estatal prevaleceu, formulando políticas de cooptação. Tempos de uma modernização traçada com um discurso nacionalista, num mundo onde o totalitarismo frustrava os ideais democráticos. A sociedade brasileira não estava indiferente aos trânsitos autoritários da política. Vargas oscilava, sentia a necessidade de dialogar com a classe trabalhadora. Optava, porém, pelo controle. Na minha análise, mostrava o cerco autoritário, construído com um articulado esquema de propaganda e a tutela de uma legislação social ardilosa. O movimento político de 1930 é significativo para

se pensar essas relações de poder. Não pode ser visto como um movimento revolucionário. A República tomava outros rumos, sem menosprezar favorecimentos ou a arrogância dos coronéis.

A modernização criava condições para o crescimento das cidades fabris e alargava as possibilidades de emprego. A classe operária se firmava. Em 1945, quebrou-se o Estado Novo. Vargas retornaria ao poder, com uma votação expressiva, retomando o nacionalismo com a ousadia que incomodava as forças conservadoras. Era importante visualizar as dissidências entre os dominantes para se focar nas possibilidades políticas abertas para os dominados. Foi, assim, que arquitetei a interpretação da luta política no Brasil, vivendo momentos de mudanças culturais significativas, acompanhadas de instabilidades que anulavam projeções otimistas, tão presentes no discurso do governo de Juscelino, os cinquenta anos em cinco. Os anos de chumbo vieram com o golpe político-militar de 1964, inibindo tentativas de fazer a política. A repressão não poupou os sindicatos. As greves de Contagem e Osasco, de 1968, mostravam sinais de rebeldia, constituindo marcos políticos. Não há dominação que dure para sempre. Meu envolvimento com a constituição do movimento operário significou um trabalho de fôlego, importante para minha formação de historiador.

Além das atividades na UFPE, participei de eventos – entre eles os encontros da ANPUH, regionais e nacionais –, ministrei vários cursos sobre Gramsci em universidades da região e também realizei trabalhos de consultoria. A discussão política fervia, depois de anos de fechamento. Havia ânimo para seguir adiante e tornar sólidas as práticas democráticas. Nessas horas, o trabalho intelectual ganha uma dimensão inusitada e a reflexão é uma ponte para se descobrirem novos mundos. Ainda, na minha estada na Secretaria de Educação, tive oportunidade de coordenar um trabalho de revisão historiográfica que trouxe maior conhecimento sobre a história da cidade do Recife. Reuniu historiadores da nova geração, todos encarregados de produzir textos que possibilitassem novos contrapontos para quem estava interessado em pesquisar sobre o Recife. O título do livro: *O Recife: que história é essa?* Foram escritos artigos sobre os mais diferentes períodos da história da cidade, tendo como base pesquisas recentes ou dissertações de mestrado defendidas na pós-graduação da UFPE. O livro encontra-se esgotado, mas os seus autores estão todos ativos na vida intelectual, participando da formação de outros historiadores.

As publicações deram-me fôlego intelectual e aproximaram-me, mais ainda, da história da cidade do Recife. Meu interesse pela trajetória da modernidade aumentava, na

medida em que as leituras modificavam-se, transpondo o território da política. Não conseguia ainda formular uma proposta de trabalho sobre o tema. Pretendia pesquisar sobre a década de 1920. Uma questão me perseguia e me atiçava: como se dão as relações entre o antigo e o moderno? É uma relação de conflito ou existem sutis mascaramentos que disfarçam os seus conteúdos e significados históricos? Lembrava-me das construções teóricas de Castoriadis sobre o instituinte e o instituído, de sua crítica radical à lógica identitária, do seu conceito de imaginário social. A (re)leitura do seu livro *A instituição imaginária da sociedade* tornou-se frequente, como também dos seus escritos sobre movimento operário, sempre pontuados pela denúncia dos desmandos autoritários. Na suas indagações, há um constante reafirmar da importância da socialização para que os indivíduos não abdicuem das suas histórias.

Outra experiência foi importante para minha vida intelectual: as orientações dos mestrandos. Durante meus primeiros tempos de UFPE as exerci, pois na época havia uma carência de doutores e os mestres trabalhavam na pós. Orientei trabalhos em História e também em Serviço Social. Em 1986, quando decidi rumar para o doutorado, já tinha um bom conhecimento de como articular as questões teóricas com a pesquisa das fontes. Meus orientandos conseguiram resultados expressivos, defendendo suas dissertações na área de História Política ou direcionadas, no caso de Serviço Social, para o entendimento das relações de poder e as propostas de políticas públicas. Uma construção intelectual que valeu muito para o meu doutorado.

O doutorado na USP

De início, minha opção era fazê-lo na UNICAMP, retomando uma convivência anterior. Escrevi um pequeno projeto, com a proposta de estudar os anos 1920, tendo como eixo a análise da relação entre o antigo e o moderno. Não tinha ainda muita clareza do que queria. Minha trajetória nessa área estava sendo costurada, faltavam leituras mais consistentes. Mas sobravam ânimo e vontade de rever um lugar tão significativo na minha formação. Segui para a entrevista com muito otimismo, sem me dar conta das dificuldades e dos limites. A frustração foi grande. A entrevista foi tensa, meu projeto não foi aceito. Meu mundo caiu, fiquei perplexo. Iria voltar com meus planos desmontados. A vida, porém, tem suas surpresas. Lembrei-me da professora Maria de Lourdes Janotti. Havia estabelecido contatos com ela, sempre muito amáveis. Foi uma luz. Encontramo-nos no Museu da Casa Brasileira, do qual era

diretora. Ela me acolheu com muito afeto. Não hesitou em aceitar-me como orientando e, sentindo que minha auto-estima estava abalada, procurou animar-me. Era começo de uma amizade que se estende até os dias de hoje. Sua generosidade e solidariedade me encantaram, ajudando-me de forma decisiva a recuperar-me das decepções. Novos caminhos abertos, novas relações afetivas e volta para São Paulo, agora para morar na rua Capote Valente, no bairro de Pinheiros, distante dos meus filhos, que foram morar na Espanha, por um ano. Há dois anos que vivia com Maria Thereza, um grande amor que aquecia meu coração, com seus encontros e inquietudes. Como canceriano, a afetividade me alimenta radicalmente.

No primeiro ano de doutorado, armei uma estratégia para firmar as opções teóricas. Selecionei uma vasta bibliografia que dava conta da minha preocupação básica: compreender os conceitos de modernidade, modernização e modernismo. Foram muitas leituras: Foucault, Berman, Lefevre, Jacques Le Goff, Walter Benjamin, Sérgio Paulo Rouanet, Frederick Karl, Freud, Marx, Habermas... Era preciso sentir-me seguro na questão teórica para afirmar uma pesquisa com problemática profunda. Não fiz nenhum curso, mas mantive um diálogo freqüente com a orientadora e estreitava meus laços com a cidade de São Paulo. Mais do que isso, São Paulo já se havia instalado no meu coração. A cidade me acolhia, caminhava pelas suas ruas com tranqüilidade, descobrindo seus segredos. Crescia uma aproximação que havia começado quando da época do mestrado. Por vezes, pensava em mudar-me de vez para São Paulo, no entanto minha ligação com o Recife é forte. Tentações não faltaram. Os afetos mais antigos terminaram predominando. A memória se aviva quando entramos nos cenários dos encontros. Retomo essas lembranças, que são tantas e impossíveis de caberem nas linhas de um texto. Sobrevivência do tempo, do sucedido desgobernado, como dizia Guimarães Rosa. Os ruídos da memória provocam suspiros, interrompem o fôlego da escrita e afirmam a certeza de que o passado não volta nunca, mas seus significados permanecem desafiando, dando sentido a nossa narrativa, envolvendo-nos com saudades. O passado é um espelho que tem vida.

As investidas teóricas trouxeram a redefinição do projeto. Escolhi, então, duas disciplinas: uma na área de cultura, ministrada pelo professor Marcos Silva, e outra em Filosofia, com Olgária Matos. Na disciplina de Marcos Silva havia uma discussão sobre as representações em diversos campos da arte e da literatura. Na de Olgária Matos, predominavam as reflexões benjaminianas. As aulas de Olgária foram tão estimulantes que repeti o curso no outro semestre, como ouvinte. Além disso, tinha longas conversas nos intervalos das aulas com meus colegas e a professora. Terminei por convidá-la para fazer

parte da minha banca. Com Marcos Silva, iria também me aproximar mais tarde, participando, conjuntamente, de atividades acadêmicas e das reuniões do Conselho Editorial da *Revista Brasileira de História*. A USP tornou-se familiar e os abalos sofridos com a não classificação na UNICAMP diluíam-se. O tempo, com sua soberana sabedoria, rege as turbulências da nossa vida. De tudo fica um pouco, nada permanece imobilizado para sempre. Nós, historiadores, temos ciência das aventuras do tempo, quando nos entretemos com as pesquisas, embora nos esqueçamos das suas tramas quando percorremos os labirintos da vida.

A modernidade é um projeto histórico que remonta ao final do medievo, Território de consolidação dos ideais de liberdade e de igualdade, a modernidade anuncia rupturas, acena a secularização da cultura. Não surge, portanto, repentinamente, nas especulações dos iluministas ou nos gritos dos revolucionários franceses. Cria a fantasia de que aparece do nada, mas se funda em tradições, dialoga com princípios das culturas clássica, judaica e cristã. O novo se desentende com o velho, mas também estabelece entrelaçamentos. As descontinuidades históricas não são absolutas. Há uma reinvenção e não uma morte das práticas sociais. Como analisar o pensamento político de Voltaire, Hobbes, Rousseau, Montesquieu, Maquiavel, os argumentos filosóficos de Descartes, Montaigne, Pascal, Kant, Hegel, a estética dos neoclássicos, os escritos de Cervantes, Rabelais, Shakespeare, Dante, e tantos outros artistas e pensadores, soltos historicamente?

A modernidade mostra que o passado não se desfez, embora haja mistificações e esconderijos. Voltam discussões, ampliam-se desejos, a memória realimenta seus jogos dialéticos. Segundo Octavio Paz, a modernidade inventa a tradição da ruptura, inquietações com as quebras dos modelos, com seus inconformismos, tão diferentes de uma sociedade onde reinava o teocentrismo. Razão, utopia, ciência, progresso, técnica, autonomia, revolução são palavras que invadem as cartografias da modernidade ocidental, eurocêntrica, com promessas de libertação que mascaram discursos nada democráticos. Mas isso é o que pensamos hoje, tempos depois, concretizando outro discurso, o da desconstrução. O meu objetivo era analisar uma sociedade, o Recife dos anos 1920, compreendendo como ela representava o antigo e o moderno, destacando sua produção intelectual e sua relação com as invenções da modernização. As cidades foram cenários emblemáticos da mobilização pelos ideais de progresso, onde se exaltava a técnica e produção de bens materiais. A sociedade do espetáculo estava se delineando. Minha tese contaria parte dessa história, ainda desconhecida, pois a historiografia existente sobre o Recife estava mais ligada ao político e econômico.

A pesquisa centralizou-se na leitura da imprensa da época. Havia jornais e revistas que me davam importantes pistas para construir textos, preocupados com a diversidade e os contrapontos. Eram tempos de modernismo no Recife. É um erro pensar que essas discussões são monopólio do Rio e de São Paulo. Havia um rico material nas revistas que circulavam, na época, onde o debate era entre os defensores das tradições e outros que se denominavam futuristas. Intelectuais, como Joaquim Inojosa e Gilberto Freyre, tinham atuação destacada na imprensa. A revista *A Pílhéria* resistiu, durante toda a década de 1920, com concepção gráfica moderna e humor refinado. Os jornais davam notícias das perplexidades diante das invenções modernas e da presença constante de propaganda comercial, divulgando produtos que traziam novos hábitos sociais. As iniciativas do poder público para modernizar a cidade também eram alvo de polêmicas, registradas nos artigos ou nas memórias de intelectuais. O cinema, os esportes, o rádio, o teatro, o jazz expressavam leituras e convivências com o mundo, diferentes dos tempos da vida reclusa nos casarões. Mudanças na vida privada, nos divertimentos públicos, nas conversas cotidianas, registros da modernidade que começavam a atrair os historiadores e fazer parte do interesse do trabalho acadêmico, de linhas de pesquisa, da montagem de seminários. A historiografia tradicional passava por uma revisão. Cronistas, memorialistas, obras literárias, antes consideradas não significativas para pesquisa, consagraram-se como fontes para o conhecimento do urbano.

Era um trabalho que exigia a reconstrução de paradigmas. O campo da interdisciplinaridade dinamizava os diálogos da história com a antropologia, a sociologia, a psicanálise, a literatura. Trilhas teóricas redesenhadas, um território onde cresciam lugares com arquiteturas surpreendentes. Um novo olhar sobre o tempo, as relações de poder, o real, o imaginário, as representações, enfim, o ofício do historiador com outros referenciais, pois conteúdo da verdade sofria abalos constantes. Meu trabalho de tese estava inserido nesse contexto, portanto, dirigi minhas leituras para aproximar-me dos debates, convicto da necessidade de cuidar bem da forma do texto. Era a época em que os escritos de Italo Calvino estavam começando a ser lançados no Brasil. Fiz deles uma leitura cotidiana, seduzido pela sua beleza exemplar. O livro *As cidades invisíveis* trouxe-me uma concepção inusitada que me salvou do lugar comum. Não sei quantas vezes o li, quanta vezes o citei. É inesgotável o poder de encantamento e a sabedoria dos seus diálogos, onde Marco Polo tece as palavras com uma magia dionisíaca.

Quando fiz meu exame de qualificação estava com a tese praticamente pronta. Ouvi com atenção as sugestões da banca formada por Maria de Lourdes, Laura de Mello e Souza e

Nicolau Sevckenko. Procurei fazer algumas modificações para dar mais consistência ao trabalho, preparando-me para a defesa final, em dezembro de 1992. A escrita da tese não obedeceu a uma ordem linear. Comecei pelo último capítulo, o quarto. Nele fazia uma leitura da produção de Gilberto Freyre dos anos 1920, acompanhando seus artigos nos jornais e nas revistas, seu diário de adolescência e outros escritos, vendo seus primeiros passos como intelectual polêmico, já na época. Destacava sua busca de identidade e o registro das suas ambigüidades. No mesmo capítulo, construí um contraponto. Outro intelectual da época, Joaquim Inojosa, teve também sua obra analisada. Inojosa criticava e demolia as concepções de Freyre. Colocava-se como modernista admirador de Mário de Andrade, adepto das mudanças, atrelando-se ao ritmo do progresso. Na imprensa, redigia crônicas, artigos de opinião, poemas, usando artifícios do modernismo. Freyre e Inojosa apareciam como uma dissonância, nunca absoluta, mas importante para entender os devaneios do seu tempo.

O terceiro capítulo era teórico. Centrava-se na reflexão sobre os conceitos de modernidade, modernismo e modernização. Acrescentei os debates dos modernistas nos anos 1920 no Brasil, utilizando-me também de obras críticas recentes que contam a trajetória do modernismo. Tinha como propósito articular as diversas concepções, afirmando seus contrapontos, mas ressaltando as possibilidades de diálogo entre elas, mais ainda, as proximidades que existem entre o antigo e o moderno. Verdade, saber e poder estão entrelaçados. As concepções de mundo são provisórias e complexas. É impossível esgotá-las, porém é possível construir percursos históricos e práticas sociais que as justifiquem. Foi o capítulo mais denso. O significado que tinha as descobertas nem sempre era aceito pelos leitores, alguns as julgavam desnecessárias ou excessivamente filosóficas. São os riscos. Escrevemos para nós e para os outros.

O primeiro e o segundo capítulos centraram-se nas narrativas, tendo como fontes básicas a imprensa e a literatura. Construí uma conversa inicial, com Calvino, para pensar a cidade como moradia dos homens, ressaltando a dimensão invisível da história como fundamental para decifrar os símbolos da cultura. Visitei o passado remoto da cidade, antes de chegar à década de 1920. Defini, então, uma forma de texto ágil, preocupada com o murmúrio das fontes, registrando, no primeiro capítulo, os embates do antigo com o moderno nos projetos dos governos da época, descrevendo as investidas de Amaury de Medeiros na saúde pública e as querelas políticas em torno das mudanças na cidade. No segundo capítulo, analisei o impacto das invenções modernas no cotidiano do Recife. Fiz uso de anúncios de propaganda e de crônicas publicadas na imprensa. Muito importante foi o famoso ciclo de

cinema com produções locais que fizeram sucesso junto ao público. Os ares de modernidade favoreciam as transformações nos hábitos sociais, suscitavam polêmicas e traziam saudades dos tempos sem a agitação das novidades. Sentimentos diversos, de animação e nostalgia, de medo e aventura, tomavam conta dos corações e mentes da população. Tudo isso conectava o Recife com processos vividos por outras cidades, com intensidades diferentes. O título da minha tese é *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Participaram da banca os professores Michel Hall, Márcia D'Alésio, Laura de Mello e Souza, Olgária Matos e a orientadora Maria de Lourdes Janotti. O trabalho foi recebido pela banca com elogios pela sua forma de trabalhar com a documentação e leveza do texto, mas também com críticas direcionadas a algumas ousadias, chamadas de pós-modernas. Minha tese foi publicada pela FUNDARPE, Recife, em 1997.

Findei o doutorado satisfeito com o aprendizado. Voltei para a UFPE, entusiasmado com a renovação teórica e com os sinais evidentes de que teria muito que navegar. Em São Paulo, tive outras experiências de trabalho valiosas. No contato com editoras, fui convidado para escrever livros paradidáticos. Publiquei *A Revolução Praieira*, pela Ática, e *O Tenentismo e a Revolução de Trinta*, pela Atual. Havia um mercado emergente que visava mudanças no ensino da história, articulando as concepções que valorizavam o trabalho de pesquisa e a construção de textos, fugindo do apego excessivo ao acontecimento. O historiador era convidado a abordar temas antes monopolizados por outras áreas do saber.

Com esse propósito, junto com Maria Thereza Didier, iniciei uma trajetória mais árdua, com o objetivo de escrever uma coleção para o ensino médio, englobando a história moderna e contemporânea, para a Atual Editora. Foram cinco anos de idas e vindas, para que os livros, dois volumes, fossem lançados em 1996. Era uma tentativa de contribuir com a renovação do ensino e com concepções pedagógicas dos professores. Havia sonhado com essa possibilidade. Antes publiquei uma coleção, para o chamado primeiro grau maior, intitulada *Todos contam sua história*, pela Inojosa Editores, em 1994, quatro volumes, com desenhos e caricaturas de Laílson. Esta coleção não conseguiu a repercussão esperada, mas fiquei satisfeito, pois foi um produto planejado e executado no Recife. Sinto-me comprometido com o ensino e, até hoje, participo de atividades em escolas, debatendo sobre as dificuldades para divulgação do conhecimento histórico. Tudo isso me ajudou a ser cuidadoso com a didática, sem esquecer a profundidade e a ousadia que devem permear o trabalho nas universidades e a importância de escutar inquietações dos alunos. Lições de vida que dão uma singularidade ao ofício de professor.

Os saberes compartilhados

Havia mudado meu foco de pesquisa e minhas vertentes teóricas. Na graduação, era professor de Introdução aos Estudos Históricos I e II. Mais do que isso, ensinava nos dois primeiros períodos do curso, responsável pela formação inicial do aluno. Reestruturei o programa, caminhando numa direção que atendesse às reformulações dos conceitos de história. Trouxe para discussão as propostas da *Escola dos Annales*, enfatizei o cotidiano, das temáticas relacionadas com a cultura, da interdisciplinaridade, da pesquisa com uma base teórica para a problematização. Aproveitei para discutir minha tese e os entrecios com outros campos do saber. Tive excelentes turmas, com parte dos alunos investindo na pós-graduação. No programa de iniciação científica, com os bolsistas de graduação estendi minhas pesquisas sobre os anos 1920, aproveitando outras fontes.

Cada vez mais, sentia a necessidade de estreitar os laços com a literatura, com a filosofia e a psicanálise, promovendo leituras de textos de Freud, García Márquez, Calvino, Castoriadis... Ministrei curso sobre cultura e modernidade, em parceria com o professor Paulo Martins. Aproximei-me mais dos escritos de Gilberto Freyre, e conheci parte da obra de Octavio Paz. *O labirinto da solidão* tornou-se, para mim, uma referência, pela sua magia e sabedoria. Paz é um poeta, seu texto surpreende e emociona. As reflexões sobre a modernidade continuaram me acompanhando.

Minha mudança influenciou nas orientações acadêmicas. Havia, na nossa pós, alunos das mais diversas procedências. O interesse, pela história das cidades, crescia como também as pesquisas relacionadas com o século XX. Discuti minha tese nos cursos, junto com *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino. As obras de Calvino têm um feitiço marcante. O contato com as obras literárias provoca uma preocupação maior com a estética do texto. A escolha de temas foi fugindo da chamada tradição historiográfica dominante. Comecei a orientar dissertações e teses voltadas para o estudo das cidades do Nordeste, com objetivos de entender as aventuras da modernidade. Surgiram trabalhos sobre João Pessoa, Campina Grande, Fortaleza, Teresina e outras cidades, trazendo momentos desconhecidos das suas histórias. Abria-se um espaço antes inexplorado, com a descoberta de acervos, a retomada da leitura de obras literárias tradicionais e memorialistas. Para mim, foi uma sucessão de descobertas, conhecendo histórias e remontando questões teóricas. Voltava ao ponto de

partida que me inquieta sempre: as articulações do novo com o velho e sua importância para compreender a convivência social.

Lugares e tempos se entrelaçam. Não há uma época superior à outra, as sociedades respondem às tensões construídas com sua capacidade de invenção. A nossa narrativa não esgota a multiplicidade, tampouco firma determinações inflexíveis. Aceitar sua incompletude não é capitular diante da complexidade, mas compreender que o inesperado compõe a vida, cheia de arquiteturas que não passam de traços assustados com os desafios do estar-no-mundo. As histórias das cidades nos ligam ao contemporâneo. Os sonhos estão sempre acordados, não esperam a noite para acontecer. As orientações tinham vários ritmos.

Continuei minhas pesquisas sobre os anos 1920, com o propósito principal de formar alunos, trocar experiências e revirar caminhos metodológicos. O ofício do historiador redimensiona-se quando a arte de contar não se esquece da arte de viver. Tenho como prática pedagógica principal o exercício da autonomia. Os bolsistas da graduação assistem às aulas na pós, apresentam seminários com os resultados das suas pesquisas e quase todos terminam no mestrado. Dos bolsistas de PIBIC que tive, apenas um não deu continuidade aos seus estudos na universidade e uma parte expressiva está no doutorado. Há uma continuidade no trabalho de formação. Também estreito o convívio dos mais novos com os mais velhos, criando uma rede importante para o crescimento intelectual.

Minha inserção na universidade mistura-se com interesses ligados ao ensino da história. Sempre participo de eventos e de programas de capacitação na rede pública. Quando da volta do doutorado, retomei as atividades de consultoria na Secretaria de Educação da Cidade do Recife, na segunda gestão de Edla Soares. Foram muitos os encontros com os professores, textos elaborados para debates e para construção de uma proposta pedagógica para as escolas municipais. Escrevi um ensaio que norteou a discussão, intitulado *A pedagogia instituinte*, onde coloco a discussão sobre a modernidade a partir das perspectivas de Castoriadis. Já se sentia quebra das expectativas políticas anteriores ou desconfiança maior com as utopias. A idéia de revolução, como mudança radical e instantânea, sucumbia. Meu texto, publicado numa coletânea organizada pela Secretaria, sintetizava as discussões desse momento; especulava a possibilidade da reinvenção democrática e insistia em denunciar a distância da teoria com relação à prática.

No mandato de Jarbas Vasconcelos, pedi demissão, solidário com Edla Soares, que não aceitou a mudança dos rumos políticos articulada pelo prefeito, responsável por redefinições no grupo de poder na sociedade pernambucana presentes ainda hoje. Mas fiz,

antes, um trabalho de coordenação de pesquisa sobre a história da cidade do Recife, juntamente com Marcos, Pedro, Luiza e Júlia, professores da rede municipal, que resultou numa publicação significativa para divulgação de textos dos historiadores locais. Trata-se de uma coletânea para ser utilizada no ensino sobre a história do Recife. Textos retirados de obras tradicionalmente conhecidas e também de trabalhos recentes, como dissertações de mestrado, acompanhados de sugestões de atividades para sala de aula. Era uma publicação importante em dois sentidos: material pedagógico para estudo e registro, pela primeira vez, de uma pesquisa com a participação dos professores da rede. Rompia-se com práticas passadas, aproximando o saber acadêmico das dificuldades cotidianas de rede pública.

Nesse processo, a história da cidade tornou-se disciplina obrigatória na grade curricular do ensino fundamental e saiu mais uma publicação, intitulada *Recife: 100 anos de escola municipal*, sob a minha coordenação, que revelava aspectos desconhecidos da instalação do ensino público. Ainda atuei na terceira gestão de Edla Soares, quando o PT assumiu a prefeitura com a eleição de João Paulo. Fiquei responsável pela elaboração de um texto sobre a concepção de cidade e de um livro sobre as representações dos estudantes da rede municipal sobre a cidade e a escola. Nesse último, contei com a participação de uma professora da rede, Zélia, e de alunos da pós-graduação em História da UFPE: Daniel, Lúcia, Tatiana, Artur, Lucas. O livro terminou sendo publicado em 2003, lançado na reunião nacional da SBPC, com desenhos dos alunos da rede e programação visual de Laílson Holanda.

Minhas contribuições anteriores abriram oportunidades para outras publicações. Fui convidado pela Fundação Yapoatan, em 1996, para escrever um livro sobre a história do município de Jaboatão, componente da Região Metropolitana do Recife, num projeto financiado pelo Ministério da Cultura. O tempo foi curto, mas contei com o trabalho de alunos da graduação e conseguimos um material expressivo, reunindo acervos e relatos orais. Foi uma equipe interdisciplinar, com profissionais da arquitetura e geografia, pois se exigiu também um levantamento das edificações e um ensaio fotográfico sobre o tema. A publicação específica sobre história explorou a relação da imagem fotográfica com o texto, dividida em quatro partes: histórias (multiplicidade e trajetórias), memórias (recordações e significados), patrimônio histórico (tradição e tradução), cenas urbanas (os lugares da história). Na mesma linha, em 2001, foi publicado outro trabalho, dedicado ao município de Bom Jardim. A dificuldade de fontes prejudicou o aprofundamento da análise histórica. O livro trouxe imagens e sugestões de atividades para estudo em sala de aula. Além disso, financiado por

uma bolsa do CNPq, escrevi um texto sobre *A presença dos ingleses em Pernambuco*, numa demanda da Secretaria de Ciência e Tecnologia do governo do estado.

Comecei, no meio das atividades, a pensar em uma saída para o pós-doutorado. Estava interessado em continuar leituras sobre a modernidade e verticalizá-las a partir de dois autores: Octavio Paz e Gilberto Freyre. Paz havia me encantado com *O labirinto da solidão* e Freyre continuava sendo uma referência para se pensar a sociedade brasileira. Formulei uma proposta de trabalho – *A casa-grande e o labirinto: tradição e modernidade em Gilberto Freyre e Octavio Paz* – e a professora Maria de Lourdes Janotti foi a minha tutora. Fui bem recebido e me organizei para uma saída, efêmera, porém decisiva para assanhar o fôlego intelectual.

Em 1995, minha família cresceu. Chegou Marcelo, com sua meiguice e sabedoria, para alegrar a casa. Agora, com quatro filhos, acentuou-se meu gosto pela paternidade. Existem relações estreitas entre ser pai e ser professor e as vivo com intensidade. Marcelo tem uma singularidade marcante: é o filho fisicamente mais parecido comigo. Muitos nos olham espantados com a semelhança. Além disso, há outro ponto de forte entrelaçamento: gostamos muito de música, com paixão especial por Astor Piazzolla, que aprendemos a escutar juntos.

O pós-doutorado

Minha saída para o pós-doutorado ocorreu em 1998. Iria sozinho para São Paulo. Tinha muita dificuldade de partir, deixando a família no Recife. Marcelo havia passado por problemas de saúde que me assustaram muito. Foram meses de expectativa, com especulações médicas negativas. Fiquei dividido, sem muita concentração para investir nas leituras. Mas, felizmente, os diagnósticos mudaram e nada do anunciado se concretizou. Erros existem, atormentam e mostram a fragilidade de cada um. Obtive licença de um ano para fazer o pós-doutorado. Viajei para um primeiro contato e estabelecer a programação de atividades. Maria Lígia Prado era chefe de departamento de História da USP. Recebeu-me com afeto e distinção. Combinamos que eu tinha que oferecer um curso na pós no segundo semestre, além de escrever um ensaio sobre o tema do projeto. Com isso, pude ficar mais um tempo no Recife, dedicando-me a leituras, pois minha escolha estava relacionada com discussões teóricas e não com pesquisa empírica. Já havia feito o programa do curso que iria ministrar,

com a participação, nas aulas finais, da professora Maria de Lourdes Janotti. Portanto, iniciei minha trajetória, ainda marcado pelos problemas de saúde de Marcelo, e também sob o impacto de uma notícia que me abalou – a morte de Octavio Paz, ainda no primeiro semestre de 1998.

Meu plano de trabalho estava definido. Queria prosseguir meus estudos sobre modernidade, os conceitos das obras de Paz e de Freyre, dois autores com reflexões importantes sobre a América Latina. Não se tratava de um estudo comparativo, nem tampouco de buscar o conceito mais verdadeiro ou coerente com a formação histórica das nações que viveram a colonização européia. A relação entre tradição e modernidade me atraía, pois me dava condições de questionar a ideia de que a modernidade havia sido uma ruptura, uma negação do passado de forma radical, por meio de revoluções. Seguiu observações da época do doutorado, com foco na ideia de que a história se constrói no diálogo entre mudança e permanência. As leituras de Castoriadis e as afirmações dos Annales estavam presentes, conduzindo as bases das reflexões.

Organizei o curso com essa perspectiva. Primeiro, uma ampla discussão teórica, com textos de Jacques Le Goff e Hannah Arendt como ponto de partida. Le Goff investiga a construção histórica da ideia do moderno, desde o final da Idade Média. Além disso, preocupa-se com o tempo histórico. Seu percurso nos ajuda a visualizar, na longa duração, a historicidade do pensamento, o lugar que essa discussão tem na cultura ocidental. Há todo um debate anterior de quebra de paradigmas e de concepções de mundo, firmando contrapontos e, ao mesmo tempo, fazendo releituras das tradições clássica, judaica e cristã. Há encantos e medos, utopias e saudosismos, momentos de crises mais visíveis, numa fusão de ideias que consolidam aberturas para um mundo voltado para a secularização da cultura, mas não de forma absoluta.

O sagrado não morre, discute-se sua inserção numa sociedade com outros valores, onde a razão e a ciência passam a ter uma força definidora de comportamentos sociais. Le Goff enfatiza, nesse processo, o lugar da memória e das relações de poder, a disputa pela verdade, onde o Ocidente desenha seus ambiciosos projetos de dominação que se estendem pela contemporaneidade. Nessa ampla trajetória, cabe uma diversidade de pensamentos que ora se complementam, ora se conflitam, e que passa por santo Agostinho, Maquiavel, Descartes, Rousseau, Baudelaire, Freud...

No seu ensaio *O conceito moderno de história*, Hannah Arendt mergulha nos tempos iniciais da cultura grega. Sua reflexão sobre a concepção de história, no mundo grego, é

marcante. Não havia, nessa época, encantamento com a história, como havia com a filosofia. Com a modernidade, aflora o debate sobre a história. Descartes traça os princípios ciência moderna. Duvida da validade do conhecimento sobre o passado. Funda outra tradição, onde a razão tem um lugar de destaque, preparando espaço para consolidação do pensamento científico, destronando o poder da verdade religiosa, sem negar a existência de Deus. Nos tempos modernos, o interesse pela história ganha outra dimensão. Há um projeto de dominação da natureza, um crescimento da ação da cultura. O otimismo, trazido pela exaltação e crença no progresso, não evita desconfiâncias. A violência e as desigualdades, apesar das articulações dos saberes, não desaparecem. A ética submerge diante dos desejos de lucro. Hannah descreve o quadro das inquietações relacionadas com os totalitarismos e as guerras mundiais, lamentando a existência de uma solidão que toma conta da sociedade, dentro do movimento de massificação da cultura. Hannah Arendt traduzia horizontes sombrios que se descortinavam.

Hannah Arendt e Jacques Le Goff deram consistência às discussões teóricas, juntos com outros autores como Perry Anderson, Marshall Berman, Henri Lefebvre, Italo Calvino. O eixo principal era a análise dos textos de Gilberto Freyre e Octavio Paz. Escolhi os escritos de Freyre dos anos 1920, fazendo o contraponto com um dos seus últimos livros, *Além do apenas moderno*. De Paz, fiz um novo mergulho n’*O labirinto da solidão*. Freyre e Paz são autores de ensaios que primam pela atenção ao ritmo dos contrapontos. Os seminários sobre esses autores tiveram boa participação dos alunos, apesar da maioria desconhecer a obra de Paz e outros conhecerem mais as obras clássicas de Freyre. Os debates me ajudaram a formulação dos ensaios. A turma tinha alunos de vários cursos. Construímos uma relação próxima e a última aula deixou saudades.

Os encontros com Freyre e Paz

O pós-doutorado levou-me à produção de três pequenos ensaios. O primeiro é uma discussão geral sobre o conceito de modernidade, tendo como base autores com Le Goff, Calvino, Castoriadis, Arendt. Na compreensão dos conteúdos da modernidade é importante o conceito de tempo. A leitura do presente como tempo de síntese, a opção pela simultaneidade e pensar a memória como uma relação dinâmica entre esquecimento e lembrança são eixos para a construção dos conceitos de antigo e moderno. Além disso, reforcei a contribuição de

Castoriadis de que a sociedade é um sistema de interpretação do mundo e qualquer ameaça a esse sistema de interpretação é uma ameaça à ordem instituída, portanto, às relações de poder existentes e consolidadas.

Essa discussão é a porta de entrada para analisar Gilberto Freyre e Octavio Paz. Freyre é autor polêmico, devido seus ensaios sobre a sociedade brasileira e sua vivência política, suas afirmações na época dos governos militares. Tinha preconceitos sobre a obra gilbertiana. Quando fiz minha tese de doutorado, mudei. Senti-me atraído pelo texto de Freyre, pela escrita modernista. Sua abordagem lembrava-me a *Escola dos Annales*. Seus artigos de jornais eram singulares, para a década de 1920, seu apego ao passado, a mistura entre o moderno e o tradicional ressoava como uma provocação aos bem comportados, como Freyre gostava de repetir. Fugi dos caminhos dos que elogiam ou dos que desmerecem a sua obra. Retomei as leituras dos artigos e ensaios dos anos 1920, do seu controvertido diário de adolescência, e acrescentei o livro *Além do apenas moderno*. Uma estratégia para minha narrativa: pontuar as considerações do autor sobre ele mesmo, seus juízos de valor, e construir um texto com o propósito de entrelaçá-las.

Escrevi um ensaio para dar conta dessas questões. Construí minha narrativa, dialogando com seus artigos, suas memórias, seus discursos políticos. Ele próprio se nomeava como um homem paradoxal. Meu objetivo era não fazer dos paradoxos um pecado mortal, mas uma trilha significativa para compreender as particularidades da formação social brasileira. Sua análise teórica, tão vizinha das ousadias do modernismo, não dispensa as tradições. Sua leitura, atenta à prática dos mais anônimos, se mistura com saudades da sociedade patriarcal. No *Além do apenas moderno*, Freyre nos traz questões até hoje ambivalentes: conflito de gerações, meio ambiente, tecnicismo, neo-romantismo... Seu conceito de tempo tríplice é uma contribuição para compreender a simultaneidade e o fluir da cultura. Essa leitura da obra de Freyre nos permite outra dimensão analítica: desconstruir por dentro o discurso, descrevendo como o autor faz uso de paradoxos para firmar sua autonomia.

Paz tem uma linguagem fundante. Sua obra se espraia por um vasto território. Intimidade com as palavras, metáforas, o jogo da argumentação fazem seu texto possuir uma avassaladora sedução. A escrita de Paz levita e envolve. Cerquei-me de leituras dos seus mais conhecidos intérpretes e críticos: Alicia Correa, Javier Gonzalez, Jorge Mora, Mario Santi... Paz constrói sua obra na diversidade: Nietzsche, Freud, Roger Caillois, Marx, Breton, Unamuno, Ortega y Gasset estão presentes na elaboração da sua obra. Minha leitura de Paz tem um ponto: *O labirinto da solidão* e o *Posdata*, escrito como uma atualização das idéias

colocadas n’*O Labirinto*, obra central do autor voltada para análise da relação entre cultura e modernidade na história do México. Outros escritos de Paz também tiveram minha atenção: *Los hijos del limo*, *El arco y la lira*, *La llama doble: amor y erotismo*.

As reflexões de Paz sobre a história estão próximas dos Annales. O seu conceito de modernidade traz uma contribuição renovadora. Para Paz, há uma insistência, sobretudo do modernismo, em enfatizar a ruptura que cria o inesperado: *a tradição da ruptura*. Com maestria ele tece o manto labiríntico que aquece as aventuras da modernidade, preocupando-se com a sociedade mexicana e com os significados da solidão. Ele tem desconfianças com a modernização e o consumo. Denuncia o desencantamento, mostra-se tomado por uma nostalgia romântica. A arquitetura do pensamento de Octavio Paz lembra uma construção sempre inacabada, costurada pela dimensão trágica da incompletude.

Magia e razão não são dissonantes. Desfazer-se do mito foi um engano, como é um engano anular o poder instituinte da linguagem. Os excluídos da modernidade sentem-se sós, amargam dificuldades, não conseguem situar-se nas suas tradições culturais, são enfeitiçados pelo valor de troca. Uma travessia histórica que está sintetizada n’*O labirinto da solidão*, obra dos anos 1950. Para o poeta, não bastam conjecturas cartesianas para captar o humano. Os fios que sustentam a cultura são visíveis e invisíveis. As palavras não esgotam sentimentos. A instituição imaginária da sociedade ultrapassa os limites da identidade imutável, para chamar a atenção para o efêmero. Fica difícil negar o labirinto e a solidão, o cais e o oceano. Na história, a incerteza do começo se mistura com a incerteza do fim.

O contato com a obra de Freyre e Paz foi um iluminar de espaços para estudos sobre modernidade. Continuo enfeitiçado por essa temática. Minha intimidade com literatura se alargou. Octavio Paz e Italo Calvino tornaram-se referências para a compreensão do humano. Com a literatura mantenho diálogo constante, atento às formas da escrita. A síntese e o fabuloso em Calvino, o poder de sedução de Paz impressionavam-me. Seguia trilhas que motivariam leituras, relacionadas com a construção da afetividade, vinculadas à psicanálise e a uma obra de Freud – *O mal-estar na cultura*. O pós-doutorado foi importante para efetivar mudanças. Retomei minhas atividades, redefini reflexões sobre a modernidade. Distanciava-me do feudalismo acadêmico.

As redefinições aprofundadas

A volta traz inquietações e desafios. O ânimo aumenta o fôlego para repartir o que foi aprendido. O contato cotidiano com os alunos me estimula. Gosto de participar da formação de cada um. Retomei minhas orientações de PIBIC. Assumi, na pós-graduação uma disciplina obrigatória, Metodologia da História. No meu programa utilizo textos de José Carlos Reis, Castoriadis, Geertz, Garcia-Roza, Evaldo Cabral de Melo, Susan Sontag, Thomas Mann, Lowenthal, Calvino, Sevcenko, Hannah Arendt, além de filmes como *Amarcord* e *Entrevista de Fellini*, *Morte em Veneza* de Visconti construindo um diálogo da história com outros saberes.

Continuei na trilha da modernidade, próximo dos estudos da contemporaneidade, incorporando outros autores: Baudrillard, Beatriz Sarlo, Terry Eagleton, Homi Bhabha, Jurandir Freire... Estava interessado em ir além do debate sobre a modernidade, conduzindo minha análise para elaboração do conceito de pós-modernidade. Contei com o envolvimento dos alunos. Um aprendizado coletivo ampliou o território de reflexão. Sentia que buscava outros caminhos. Estava claro meu fascínio pela desconstrução da modernidade, a perspectiva de pensar que um novo tempo histórico se configurava. O historiador deve olhar para o passado sem estar conectado com seu tempo. Armadilhas e travessuras que se misturam.

As relações entre saber e poder entrelaçam-se com as mudanças nas pesquisas. Minha inquietude se articula com a vontade de privilegiar a relação entre narrar e viver a história e a significação do afeto nas relações humanas. Escrevi um projeto, com o objetivo de estudar a solidão nos anos 1920, na cidade do Recife. Redefini programas na pós-graduação: o tema da sedução do efêmero e as trajetórias históricas do amor e da solidão nos séculos XIX e XX foram incorporadas. Os textos de Maffesoli, Comte-Sponville, Lipovetsky, Marcel Conche, Peter Gay me foram fundamentais, junto com uma filmografia sobre o tema: *Noites de Cabíria*, *O último tango em Paris*, *Cortina de fumaça*, *Clube da luta*. As citações musicais Astor Piazzolla, Philip Glass, Wim Mertens, Villa-Lobos, Chico Buarque compõem a atmosfera.

Os seminários e as aulas fugiam do discurso de uma nota só. Prevaleciam relações entre razão e sensibilidade. A dimensão lúdica ganhava espaço. Buscavam-se respostas para questões antes ausentes dos estudos da história, mas nunca estranhas ao cotidiano da cultura. Cabe, então, compreender que as fronteiras são também moradas e não lugares vazios. A afetividade é uma permanência, mas seu estar-no-mundo se modifica. Afrodite não é a mesma dos tempos do Olimpo, nem as melindrosas, dos anos 1920, estão nos *shoppings* pós-modernos.

Escrevi o projeto e ampliei as reflexões num artigo intitulado *História, solidão e modernidade*, publicado na revista *Territórios e Fronteiras*. Reafirmo ligações com Castoriadis, ressaltando seu conceito de imaginário, *como criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/ formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de alguma coisa*. Outro conceito trabalhado por Castoriadis é o de autonomia, entendida como a capacidade de cada um produzir suas próprias leis. A autonomia não é incompatível com a solidão, nem a solidão é a negação do outro. Ela é evasão e encontro, distanciamento e proximidade. A visita à construção teórica de Castoriadis remete a leituras de Octavio Paz, Jurandir Freire, Jerrold Seigel, Peter Gay, Paul Auster, John Fante... A contribuição do filósofo André Comte-Sponville é decisiva. Para ele, a solidão é regra.

O fio da teoria articula-se com as experiências. Trabalhando com jornais e revistas da época, memórias, os impactos da modernidade vão sendo lidos. O Recife se define, para alguns, pela cultura de tradições. Havia certo descaso com outras histórias, nostalgias atravessando vestígios. A opção pelo estudo da relação entre o antigo e o moderno, no Recife dos anos 1920, depois para os anos de 1930, é reveladora de transformações. A trajetória anterior de pesquisa dava conta de muitas dessas questões. Agora, há a verticalização sobre um ponto: a reação dos indivíduos diante das invenções modernas.

O Recife não tinha uma travessia tão diferente de cidades da época. O antigo e o moderno estavam presentes. Os medos, os amores, os desejos, as propagandas, os lazeres, as escritas registravam as incertezas diante de um mundo que assustava. O moderno tem poder de sedução e feitiço. Automóveis mudam a paisagem e atemorizam pela sua velocidade, diante do paciente vaivém dos bondes. Rádio, cinema, telégrafo, remédios, moda, *jazz band*, fotografia, sorvetes, suicídios, atropelamentos, ousadias sexuais, um novo vocabulário narrava a presença ativa do moderno.

Exerci duas co-orientações no exterior. Na França, sobre a relação do cinema novo com a questão de gênero, e, em Portugal, na Universidade do Minho sobre o ensino da história. Em 2003, estive na Universidade de Salamanca, ministrando um curso sobre Cultura e Modernidade. Fui a Portugal, num evento, em 2005, sobre Octavio Paz. Trabalhei em consultorias: uma para elaboração de um livro didático sobre o semi-árido (ligado ao IRPA/UNESCO); outra, com a finalidade de analisar a proposta de História para a rede estadual de Pernambuco. Escrevi também um texto sobre a história de Itabira, Minas Gerais.

Em 2004, minha vida afetiva passou por turbulências. Terminou minha relação com Thereza, depois de 19 anos de convivência. Parece uma ironia do destino, como diziam os mais antigos, depois da opção por estudar as relações afetivas, conviver com o desmonte delas. Também fui vice-coordenador do programa de pós-graduação em História da UFPE. Integrei por três vezes o conselho da *Revista Brasileira de História* da ANPUH. Atualizei o *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, de Gilberto Freyre, e concluí a elaboração de textos, para uma exposição no Museu da Cidade do Recife.

Existe epílogo?

A construção de anos de profissão não legitima falta de ânimo. Não sinto acomodação. O que me atrai não é apenas a produção do conhecimento. A possibilidade de acompanhar a formação das pessoas faz com que os ruídos e os silêncios sejam imagens inacabadas. Não existem cais fixos. Todos são nômades e flutuantes. A vida é uma travessia. Devemos reparti-la. Cá estou navegando nos oceanos da história, entrelaçado nos encantamentos do coração, sabendo que não cabem pontos finais, quando se acredita que a vida se faz soltando pássaros. Apresento, abaixo, as referências que orientaram minha narrativa. Elas bordaram meus mantos de ousadia e proteção, de razão e sensibilidade.

1. Escrita/reflexão

Ítalo Calvino, Paul Auster, Paul Valéry, Carlos Drummond de Andrade, Hannah Arendt, Manoel de Barros, Cornelius Castoriadis, Peter Gay, Mia Couto, Walter Benjamin, Beatriz Sarlo, José Eduardo Agualusa, Freud, José Luis Peixoto, Zygmunt Bauman, Guimarães Rosa, Olgária Mattos, Gilberto Freyre, Octavio Paz, Paul Veyne, Jean Baudrillard, Fernando Pessoa, Jacques Le Goff, Nietzsche, Paul Éluard, Gabriel García Márquez, Paula Sibilía, John Fante, Clifford Geertz, Jeanne Marie Gagnebin, Felisberto Hernández, Gilles Lipovetsky, Jurandir Freire Costa, Jorge Luís Borges, Maria de Lourdes Janotti, Charles Baudelaire, Rainer Maria Rilke, Walteir Silva, André Breton, Susan Sontag, Orhan Pamuk, Ésquilo.

2. Música/escuta

Astor Piazzolla, Vivaldi, Chico Buarque, Al Di Meola, Billie Holliday, Marina Lima, Miles Davis, Tom Jobim, Philip Glass, Caetano Veloso, John Cage, Paulinho da Viola, Wim Mertens, Beatles, Egberto Gismonti, Mahler, Stravinsky, Villa-Lobos, Pink Floyd, Chet Backer.

3. Imagens/olhar

Federico Fellini, Salvador Dalí, Charles Chaplin, Ettore Scola, Antonioni, Martin Scorsese, Akira Kurosawa, René Magritte, Quentin Tarantino, Hieronymus Bosch, Luchino Visconti, Jean Luc-Godard, Pablo Picasso, Wim Wenders, Bernardo Bertolucci, Pieter Brueghel, Marcel Duchamp, Theo Angelopoulos, Francis Copolla.